

B

O Clube Fenianos Portuenses

apresenta

morte dum caixeiro viajante

de ARTHUR MILLER

ALGUMAS CONVERSAS
EM DOIS ACTOS E UM
REQUIEM, INTERPRETA-
DOS PELO GRUPO DE
TEATRO EXPERIMENTAL
DO PORTO, DIRIGIDO
POR ANTÓNIO PEDRO

" MORTE DUM CAIXEIRO VIAJANTE "

DUM CAIXEIRO VIAJANTE "



JOÃO GUEDES



DALILA ROCHA



BAPTISTA FERNANDES



V. DE LIMA COUTO

como a atmosfera fumacenta das cidades, o seu ruído, os seus sorrisos fictícios e interessados, aquela luta, tantas vezes sem suporte, em que nelas se consome um mundo anónimo, ambicioso, iludido e inquieto.

Ao pô-la em cena, o Teatro Experimental do Porto, fiel ao seu programa, não copiou nenhuma das encenações que já lhe foram feitas. Atreveu-se, assim, a um cometimento difícil, como se já não fosse pequeno atrevimento exigir aos seus actores, com dois anos apenas de exercício, o desempenho de papéis que têm sido entregues, em toda a parte, a grandes artistas.

Agradece ao Autor (que generosamente cedeu a peça sem *à-valoir*) aos tradutores (que de graça e com entusiasmo cederam também a sua parte nos direitos) o que significam estas ofertas, a confiança que representam nos resultados do amor e do trabalho exaustivo que nós aplicamos em a pôr de pé.

É confiados nessa confiança e por ela cheios dum orgulho que não nos faz esquecer a modéstia dos nossos recursos, que apresentamos agora ao público português a «Morte dum Caixeiro Viajante».

A. P.

TIP. VIÚVA DE JOSÉ DE SOUSA
VIANA DO CASTELO

1.000 EX. — 11-54

MORTE
DUM
CAIXEIRO
VIAJANTE

COMO o Autor nos explica na primeira rubrica, o presente e o passado confundem-se muitas vezes no viver de cada dia. Willy, o caixeiro viajante, «pode estar, como qualquer de nós, sentado a conversar com um amigo. De repente esse amigo pode dizer uma coisa que se ligue profundamente a qualquer acontecimento do nosso passado e, embora o amigo continue a falar, inconsciente de que os nossos pensamentos estão fora dali, no espaço e no tempo, nós existimos, pensamos, sentimos — e, em imaginação, gritamos, amamos e discutimos — no presente e no passado ao mesmo tempo.

«Assim acontece nesta peça. Não há nela *flash-backs*. Nunca voltamos atrás. O que sucede é que o passado está sempre a afluir ao presente, trazendo consigo cenas e personagens que lhe pertencem. Há também momentos em que Willy fala com uma pessoa que tem realmente à sua frente e, ao mesmo tempo, com outra que só está presente na sua imaginação — pessoa esta que também nós podemos ver. O que acontece em tais casos é muito simples: a pessoa que realmente conversa com ele observa que aquele homem não está a ser muito coerente. Willy, por vezes, é um desses milhares de homens que todos nós vemos, dia a dia em qualquer cidade, respeitavelmente vestidos, absolutamente vulgares, mas *falando sózinhos* enquanto andam dum lado para o outro, calmamente, a tratar da sua vida. Nesta peça vere-

“ MORTE DUM CAIXEIRO VIAJANTE ”

mos a quem é que um desses homens fala. Veremos essa outra vida a que ele, simultaneamente, vai buscar fôlego, sofrimentos, triunfos... e derrota».

Nisto, como no mais, a realidade humana desta peça supera e sobrepõe-se ao realismo habitual do *parecido*. Pede-se ao espectador, portanto — e em seu benefício — que adira sensorialmente a este novo e humaníssimo convencionalismo que se lhe propõe. Em sua ajuda, o encenador fez entrar um jôgo de luzes que altera a coloração do ambiente e ilumina diferentemente as personagens quando a sua presença é imaginária. O «Tio Ben», o fantasma familiar e privativo do caixeiro viajante, o irmão de Willy que descobriu minas de diamantes e morreu rico e longe, esse, traz na própria maquiagem um elemento levemente fosforescente que o diferencia dos outros.

Esta peça, representada com um êxito espantoso em vários países do mundo, pode ser considerada uma das obras-primas — senão a obra-prima — do teatro contemporâneo. Americano, europeu e de todo o mundo, o problema das suas personagens, o mar de sonho e de angústias em que naufragam, pertence à tragédia deste tempo em que vivemos

como a atmosfera fumacenta das cidades, o seu ruído, os seus sorrisos fictícios e interessados, aquela luta, tantas vezes sem suporte, em que nelas se consome um mundo anónimo, ambicioso, iludido e inquieto.

Ao pô-la em cena, o Teatro Experimental do Porto, fiel ao seu programa, não copiou nenhuma das encenações que já lhe foram feitas. Atreveu-se, assim, a um cometimento difícil, como se já não fosse pequeno atrevimento exigir aos seus actores, com dois anos apenas de exercício, o desempenho de papeis que têm sido entregues, em toda a parte, a grandes artistas.

Agradece ao Autor (que generosamente cedeu a peça sem *à-valoir*) aos tradutores (que de graça e com entusiasmo cederam também a sua parte nos direitos) o que significam estas ofertas, a confiança que representam nos resultados do amor e do trabalho exaustivo que nós aplicamos em a pôr de pé.

É confiados nessa confiança e por ela cheios dum orgulho que não nos faz esquecer a modéstia dos nossos recursos, que apresentamos agora ao público português a «Morte dum Caixeiro Viajante».

A. P.

EM BENEFÍCIO DA SOCIEDADE HUMANITÁRIA
DE MATOSINHOS E LEÇA DA PALMA
(BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS)

O GRUPO DE TEATRO EXPERIMENTAL
DO PORTO dirigido por ANTÓNIO PEDRO

na peça de ARTHUR MILLER

morte dum caixeiro viajante

(algumas conversas em dois actos e um requiem)

traduzida por JOSÉ CARDOSO PIRES e VICTOR PALLA

com a seguinte distribuição:

Willy Looman	João Guedes
Linda, sua mulher	Delila Rocha
Bill e	Baptista Fernandes
Happy, filhos de ambos	Vasco de Lima Couto
A mulher	Maria Júlia Babo
Charley	Alexandre Babo
O Tio Ben	Egito Gonçalves
Bernard, filho de Charley	Sérgio Guimarães
Howard Wagner, patrão de Willy	Correia Alves
Jenny, secretária de Charley	Maria Olga
Stanley, creado de restaurante	José Silva
Miss Forsythe	Dulce Pessoa
Letta	Maria José Fonseca

Encenação de António Pedro

Cenário e montagem de Fernando Fonseca

Contrarregra e comando das luzes de Abílio Cordeiro

Ponto: Joyce Piedade

Aderecistas e ajudantes da contrarregra: José Campelo e Américo Pessoa

Assistência sonora de Joaquim Mechedo e Fraga Rádio

A acção passa-se na casa e no quintal de Willy Looman e nos diversos locais que visita nas cidades de Nova York e de Boston. Actualidade.

Só haverá um intervalo entre o 1.º e o 2.º actos.

Estructuras «Mills R. E. B. E. L.»,
Trevesa do Corpo Santo, 10 — Lisboa.

Resistências eléctricas da casa «Electro Universal».

Frigorífico da casa *Casals*

Artigos de desporto de «Luciano Matos & C.ª»
e da casa «Progredior».

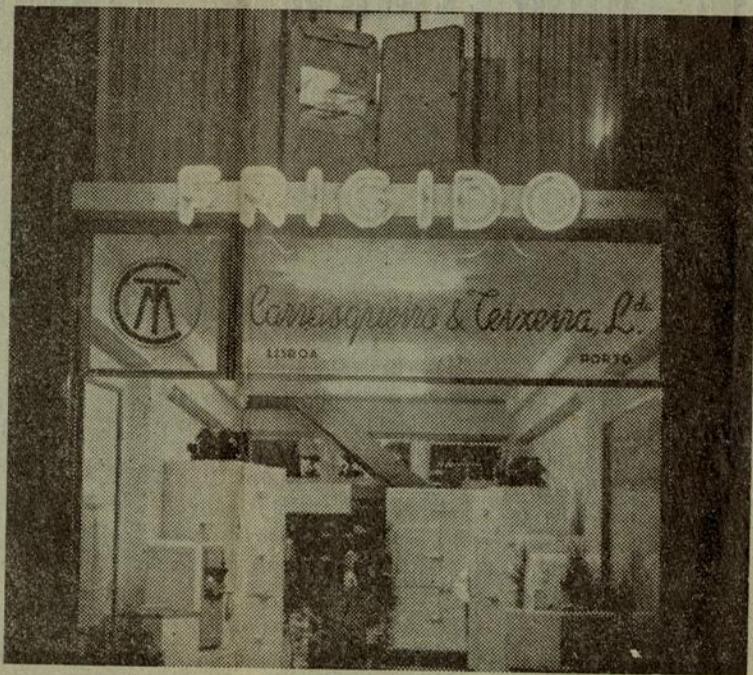
Móveis da «Cromagem Imperial Tigre»
e de «Guilherme Pereira de Brilo».

Fogão de «Gazcidla».

FRÍGIDO

REFRIGERAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL

CARRASQUEIRO & TEIXEIRA, L.^{DA}
INICIADORES DA INDÚSTRIA DE REFRIGERAÇÃO EM PORTUGAL



ACTUALMENTE A PRIMEIRA CASA DA ESPECIALIDADE!

FILIAL NO PORTO

RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 663 — TELEFONE N.º 24373

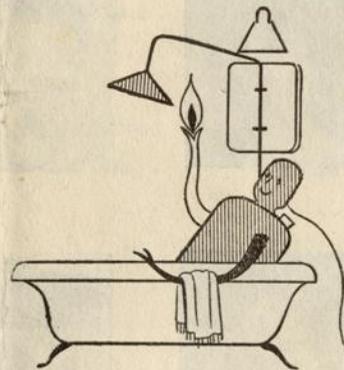
O GAZCIDLA NÃO É TÓXICO NEM
EXPLOSIVO



viva com

GAZCIDLA

onde quer
que viva



CIDLA RUA FERNANDES TOMAZ, 704 PORTO



ABÍLIO CORDEIRO



ALEXANDRE BABO
MARIA JÚLIA



JOYCE PIEDADE



CORREIA ALVES
JOSÉ SILVA



FERNANDO FONSECA



DULCE PESSOA
EGITO GONÇALVES



ANTÓNIO PEDRO



SÉRGIO GUIMARÃES
M. JOSÉ FONSECA



ÀS 21 HORAS E 30

DIAS 16 E 17 DE NOVEMBRO DE 1954

CINE-TEATRO VALE FORMOSO

TABELA DE PREÇOS

Cadeiras de orquestra	35\$00
Cadeiras simples	25\$00
Cadeiras	20\$00
1.º balcão (1.ª e 2.ª filas)	30\$00
1.º balcão (outras filas)	25\$00
2.º balcão	10\$00
Camarotes de 1.ª	10\$00
Camarotes de 2.ª	5\$00

ESPECTÁCULO PARA MAIORES DE 18 ANOS

Sim ...

conduza com cuidado

mas conduza o novo

D R W

3 CILINDROS

agora - - - - -

**mais barato
com misturador de gasolina
elegante
c ó m o d o
e c o n ó m i c o**

em exposição no stand de

**MÁRIO BAPTISTA COELHO, L.^{DA}
FILIAL DO PORTO, RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 637**